

A DEFESA DA FAMÍLIA TEM SABOR DE MARGARINA

Vinícius Lucas de Carvalho¹

Resumo: Os discursos de defesa da família são constantemente utilizados nas disputas políticas à esquerda e à direita. Seja por meios mais conservadores, seja pela constituição de novas formas, o que permanece é uma concepção de família como uma unidade civilizatória: responsável pela incorporação das normas do regime de poder em cada corpo, de modo que a assimilação de racismos, heterocisnormas e cristianismo seja cada vez menos perceptível e cada vez mais reproduzida. Seguindo as sofisticações dos regimes de poder para a produção de opressões cada vez mais diluídas nas relações entre os corpos, investe-se na explicação e no cercamento das regras de re-produção corporal por meio do mantra familiar. Busca-se, assim, mobilizar afetos que movimentem as fronteiras e as margens que ainda defendem a família como a base emocional necessária a todos os corpos.

Palavras-Chave: Descolonização. Corpo. Emoções. Família. Heterocisnorma.

¹ Bicha professora de Educação Física, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação, na UFMG, na linha de pesquisa de Currículos, Culturas e Diferença. Sua pesquisa está em fase qualificação e propõe uma Cartografia de Composições por meio de investigações das formas coloniais de produção de corpos e de criações de escapes às normas que organizam corpos em sistemas desiguais e entristecedores. Endereço eletrônico: viniciuscarvalhopp@gmail.com.

EMBRACING FAMILY VALUES TASTES LIKE *MARGARINE*

Abstract: Pro-family discourses constantly appear in disputes between left — and right-wing politics. Whether more conservative, or using new forms, what remains is a conception of family as a civilizing unit: responsible for incorporating norms from the power regime in every body, so as to assimilate racisms, cis/hetero norms, and Christian values, making them increasingly less perceptible and more reproduced. Following sophistications of power regimes to produce increasingly more diluted oppressions concerning bodies, an investment in explaining and outlining rules for body re-production takes place in the family mantra. This brings about effects moving the borders still defending the traditional family as a necessary emotional base for all bodies.

Keywords: Decolonization. Body. Emotions. Family. Cis/heteronorms.

Corte o pão em duas partes desiguais

As missões civilizatórias europeias pretendiam transformar o globo terrestre em uma única civilização que obedecesse e reproduzisse as formas de pensar, fazer e ser, inventadas pelos europeus, mais especificamente homens, brancos, heterocissexuais e cristãos. O processo de colonização foi marcado pela desumanização, invasão, exploração, violência e morte no território já habitado por inúmeros povos, com suas respectivas vidas e modos de fazer, chamado *Abya Yala*². Com sua destruição progressiva, iniciou-se a co-

² *Abya Yala*, na língua do povo Kuna, significa terra em florescimento e terra madura e terra viva. É o nome dado, pelos povos originários, ao imenso território que passou a ser chamado de América após a invasão dos brancos europeus. Sua nomeação é um movimento político de criação de outras possibilidades de organização territorial a partir das cosmologias dos povos originários, as mesmas que a colonialidade da modernidade eurocentrada tentou e ainda tenta suprimir. Território, neste sentido, tem a ver com terra,

lonização das terras e saberes e corpos do território que hoje nomeamos Brasil, e que o povo Tupi chamava de Pindorama. Um dos processos de colonização mais violentos da história ocorreu aqui, por se tratar de um território de grande extensão que contava com um número superior de povos indígenas e povos negros escravizados em relação ao número de colonizadores brancos. Muitos destes eram pessoas expulsas de seu país de origem por não representarem o ideal de cidadão configurado como padrão para as ditas sociedades modernas.

Como dominar e explorar um número muito superior de corpos? Assim: crie uma noção de que os corpos e saberes e crenças e modos de organização não correspondentes ao seu são errados, pecadores, animais, desprezíveis e, principalmente, não humanos. Lembre-se de encontrar algumas justificativas para isso, mesmo que inventadas como verdades; por aqui, corpos negros foram desumanizados pela articulação entre ciência branca e cristianismo, a qual inventou a absurda noção de corpos que não possuíam alma, irracionais, incapazes de entender os valores europeus, mas fortes para o trabalho escravo ao qual foram violentamente submetidos; corpos indígenas, os povos originários, por resistirem à dominação de seu território e de suas culturas, foram desumanizados pela noção de preguiça, de desobediência, indecência e revolta. Ambos os povos escravizados e explorados tiveram as suas crenças impedidas, suas sexualidades abominadas pela religião e ciência da Europa branca, seus corpos envergonhados pela norma eurocentrada de cidadão

mata, água, vento, rios, caminhos e com natureza, culturas, corpos, sexualidades, crenças, rituais, artes, vidas e... ocupar um território e compô-lo com os sentidos negados pela colonialidade europeia e estadunidense que ainda governa é um movimento de criação de outras narrativas, outros governos, outras relações, outras possibilidades de ser corpo, outras movimentações. Abya Yala abre-se como um território onde as histórias são múltiplas, assim como os corpos que as contam e os caminhos criados não conhecem a linha reta da história colonizadora dos heróis brancos.

necessária ao avanço do imperialismo, suas culturas entendidas como ameaças, perigo, pecado e insurgência.

Para que a colonização continuasse funcionando e a exploração constituindo o enriquecimento de algumas Coroa, a instalação de hierarquias foi necessária. Hierarquias são mantidas pela reprodução de um binário que seja oposicionista, desigual e excludente. Séculos de sofisticções de sistemas hierárquicos contaram com articulações entre racismo, heterocissexismo³ e cristianismo, suportes do capitalismo, para inserir um território colonizado em uma constante busca de se tornar um exemplo para a Coroa, tentando reproduzir como regras seus valores inventados. Ainda se ouve o lamento comparativo de brasileiros, dizendo obviedades que apenas sustentam os efeitos do colonialismo sobre muitos corpos que ainda tentam se tornar aquilo que nunca serão: Ah, mas nos EUA é tudo melhor! Na Europa é tudo diferente, o BraZyl jamais será bom assim...

Como o regime de poder atual é uma constante sofisticção das opressões coloniais que mantiveram o povo pretensamente separado do governo por meio da delimitação daqueles corpos que devem viver e aqueles outros que podem morrer, é possível dizer que vive-se em, aprende-se com e, muito provavelmente, reproduz-se hierarquias a fim de conquistar o território-corpo como um local a ser dominado pelo Eu, desde que este Eu preencha os requisitos necessários para ser chamado de cidadão na grande colônia que quer ser democrática.

3 O sistema heterocissexista diz respeito às normalizações reiteradas pelo patriarcalismo e pelas ciências médicas e biológicas que, ao longo dos séculos, foram atravessando cada vez mais os corpos no sentido de produzir e controlar a sua sexualidade e seu gênero sob um parâmetro classificatório que relaciona o gênero à genitália de um corpo, constituindo o sistema sexo/gênero. Nesta escrita, os termos hetero, heterocis, cis, heterocisnorma, heterocissexualidade, heterocissexismo... aparecerão como referência a este sistema de categorização sexual e de gênero que funciona como uma das cisões no corpo para instaurar um controle por meio da busca de uma unicidade e uma normalidade inatingíveis.

As oposições binárias e excludentes que compõem a hierarquia colonial continuam sendo reproduzidas de inúmeras formas e discursos diversos, pretendem produzir e controlar corpos por meio da negação: humano/negro, descobridores/índios, Deus/pecadores, colonizadores/anormalidades, donos da razão/corpos animais, família/aberrações sexuais... Um sistema organizado pela negação e morte de um dos lados para a consequente reprodução da pretensa normalidade foi necessário ao imperialismo; é o homem, branco, cristão, heterossexual, cisgênero e europeu a referência a ser reproduzida. Suas sofisticações foram abordadas de inúmeras formas e questionadas pelos movimentos que reivindicaram direitos iguais ao longo das histórias. E, ainda hoje, escreve-se, investiga-se, aponta-se e questiona-se as opressões que mantiveram a referência intocável por séculos; as hierarquias mantenedoras da branquitude, da heterocissexualidade, do cristianismo, da colonialidade e do capitalismo parecem se reorganizar a cada movimento de descolonização.

Estratégia de colonização constante: instaurar uma cisão primária que desestabilize o corpo e o faça entrar em uma busca constante pela unicidade, pela identidade, pela representação da referência em si, de alguma forma, custe o que custar. Corpos desestabilizados desde o princípio são mantidos ocupados buscando alguma forma de se sentirem completos, inteiros, únicos, individuais, intocáveis, superiores. O corpo foi uma das justificativas para as colonizações; por ser mantido em oposição à mente e à alma, foi aproximado da natureza, tornando mais fácil para colonizadores, religiosos e cientistas associarem corpos não brancos a animais e os corpos habitantes dos territórios colonizados ao primitivismo.

O corpo funciona como justificativa de dominação masculina sobre o feminino: nas relações binárias de gênero os homens são aproximados da razão, do pensamento, da capacidade de raciocinar e dominar o corpo com a mente; já as mulheres são o próprio corpo, obrigatoriamente alocadas

em oposição aos homens para fazer funcionar o exercício da dominação. A genitália feminina cis foi entendida inicialmente como um pênis masculino subdesenvolvido e invertido, sua capacidade de reprodução foi explorada para gerar gratuitamente mais corpos que reproduziriam a lógica heterocissexual — em nome do amor romântico, da monogamia, da maternidade; os corpos das mulheres brancas foram responsáveis por fazer cumprir as leis do Pai no ambiente criado para reproduzir nas microrrelações o regime de poder vigente, a instituição da família funcionou como uma unidade civilizatória que reproduzia e reforçava os valores da Pátria, necessários à manutenção da colonialidade. As formas de viver e afirmar as femilidades em um corpo ainda são perseguidas pelo regime de poder masculino, facilmente percebido nas imagens do Pai, do Padre, da Pátria: família, crença e nação ainda são formas de conduzir corpos em sociedade, instituições responsáveis por aproximar o regime de poder do corpo, de incorporá-lo.

Por tempos o corpo foi binarizado, dominado, conquistado, explorado, dissecado, anormalizado, patologizado, categorizado, curado, educado, investigado, explicado, marginalizado e ignorado. Ser um corpo em um país que é dominado pela razão branca, heterocis e cristã significa estar submetido a um sistema de categorização hierárquico e desigual que funciona por meio do entrelaçamento de opressões para limitar movimentações de corpos a depender da cor da sua pele, seu gênero, sua sexualidade, sua crença, sua classe, seu nome, sua família... Quantos são os filhos do *Presidon't*⁴ que estão sob investigação de corrupção no BraZyl

⁴ *Presidon't* é a forma utilizada nesta escrita para se referir ao genocida que ocupa a Presidência da República no BraZyl, eleito em 2018 por um golpe que já estava em curso contra a democracia e a Constituição de 1988. A não utilização de seu nome se deve ao não reconhecimento de sua pessoa como capaz de ocupar o cargo que ocupa. É uma forma de operar que vai contra a lógica colonial de nomeação a partir do Pai. No mesmo sentido, nomeia-se BraZyl o modo imperialista neoliberal que governa todo o território, os corpos, as

de 2021? Qual é a lógica que os mantém protegidos das acusações escancaradas de seus crimes? Eles seriam presos por portarem um PinhoSol?

Os corpos das colônias foram produzidos para sustentarem o funcionamento do sistema capitalista que mantém os países do Norte global e seus saberes como hegemônias, sustentadas pelos constantes saques das Américas: quanto custa a hora de um corpo? A família tradicional, tão defendida pelo conservadorismo brasileiro, foi responsável pela perpetuação do racismo, pela formação heterocissexista e pela permanência da moral cristã. Ainda hoje, a defesa da família acompanha os discursos políticos de forma geral. Os mais explícitos são aqueles que defendem a família tradicional, geralmente proferidos por homens-brancos-heterocis e mulheres-brancas-heterocis que performam uma moral cristã neopentecostal insustentável. Há também as defesas de outras formas de constituir família, pensada como uma união afetiva entre pessoas que decidiram viver juntas a dois, a três, a quantas forem; adotar ou não uma pessoa; engravidar ou não e ter o direito de abortar, de saber sobre a sua saúde sexual e reprodutiva, independente de gênero, sexualidade, classe, raça, corpo...

O que permanece como fundamental na maioria dos discursos políticos, à direita e à esquerda, é a família como unidade. O governo se comunica com cada corpo por meio do discurso de defesa da família, foi esse mesmo discurso que elegeu um genocida em 2018, é este o discurso que ainda é proferido com orgulho nas ruas, em políticas que tentam proibir as discussões de gênero e sexualidades nas escolas. O investimento político sobre a família também é um investimento na manutenção das normas de gênero e sexualidade, da organização patriarcal das relações e dos lugares de cada corpo na dinâmica familiar. É muito importante para o siste-

políticas e os modos de vida desde o golpe de 2016, sofisticando-se opressões exercitadas no anterior Golpe de 1964.

ma capitalista neoliberal que as pessoas se defendam como indivíduos superiores aos outros, que lutem pela manutenção da família como uma unidade da qual dependem suas vidas. Quanto maior a separação, mais fácil o domínio. Isso é ser normal?!

Se o discurso de defesa da família não pretende que essa instituição seja pensada para além dos moldes imperiais de domesticação, ele precisa ser repensado. É possível desinstitucionalizar a família? É possível descolonizar as relações entre corpos na instituição familiar? As organizações familiares que existem no Brasil dão conta de responder quão múltiplas são as possibilidades de se constituir uma família, outras formas de parentesco, outra dinâmica de afetos, sem a obediência ao poder do Pai. O que se persegue aqui não é a estrutura da família, nem a sua composição com membros distintos, o truque é desconfiar da manutenção da família como unidade civilizatória.

É muito comum que pessoas que decidam constituir famílias estabeleçam logo quem será o pai, a mãe, quais serão os papéis, quem serão os filhos e as respectivas funções... e toda uma estrutura de parentesco se organiza novamente a partir do Pai. Um sistema de distribuição de possibilidades de vida a partir de um homem continua a funcionar: território fértil para aprender hierarquias. De certo modo, é na família que se conhecem as primeiras separações fundamentais à manutenção do regime de poder: qual cor de pele, qual sexo, qual cabelo, qual gênero, qual classe, qual peso, qual sexualidade, qual voz, qual corpo pode fazer parte da família?

Escrevo como um corpo que não podia aparecer na família: bicha afeminada criada em uma família que se esforçava de todas as formas para ser tradicional. Cresci na casa dos avós paternos, rodeada de homens e das defesas de seus comportamentos violentos; bater era uma forma de educar crianças para a obediência, mais uma herança do imperialismo: a militarização da masculinidade valida a utilização da

violência pelos corpos designados como homens. Três mulheres conduziam a família que era chefiada pelas vontades de cada um dos homens, principalmente as do avô. Um corpo que não cabia no ambiente familiar precisou aprender logo de quem poderia se aproximar, era necessário aprender a se defender em uma instituição na qual a sexualidade e o gênero eram ao mesmo tempo investigados e perseguidos. Eu não sabia disso quando criança, nem durante a adolescência: o que fazer? Inventar formas de escapar e de sobreviver...

Penso ser necessário investigar os efeitos das instituições sobre os corpos para que seja possível ao corpo perceber aquilo que foi feito dele. O que escapa ao sistema hierárquico de produção de corpos, ainda é corpo; talvez o escape contenha relações outras com as normas e apresente outras formas de pensar.

É importante passar em camadas, de cima para baixo.

Refiro-me ao corpo masculino-branco-heterossexual-cisgênero-cristão não como indivíduo, como sujeito presente no mundo, mas como uma norma, uma noção universal de indivíduo que deve ser criada pelo regime de poder de modo a produzir um modelo que deve ser estimulado e replicado pelas instituições que compõem a organização social, e seguido como referência por todos os corpos. As análises das sofisticadas dos regimes de poder disciplinar e da sociedade de controle, levaram Paul B. Preciado (2019) a perceber, por meio dos seus estudos sobre Foucault, que cada regime de poder produz o seu padrão de corpo a ser reproduzido. Isso não quer dizer que todos os corpos pertencentes a uma mesma categoria se comportem da mesma forma, mas sim que existem formas pré-corporais de produção da vida nos corpos a depender de sua categorização e que elas acontecem de inúmeras formas, combinando estratégias diversas. A proposta de Foucault (1999) de que se deve investigar o poder aonde ele se torna dominação, combinada com os estu-

dos de Paul, provoca-me a pensar o corpo e seus afetos como o território a ser investigado, suspeitado, desaprendido.

A vigilância vitoriana sobre os corpos não-brancos e não-homens foi o recurso utilizado para fortalecer o argumento científico da evolução das espécies, necessária ao avanço da ideia de progresso que estava vinculada ao imperialismo, como aponta Anne McClintock (2010) em seu livro *Couro Imperial*. A ciência branca estigmatizou o corpo da mulher negra como um espetáculo do primitivo e abominável. O racismo científico encontra formas cotidianas de permanecer reatualizado: está nas piadas, nas comparações físicas, nos apelidos, nos cargos de trabalho destinados aos corpos negros. Foi o racismo, a metodologia branca de dominação de territórios, que retirou dos corpos negros a possibilidade de constituir famílias nas colônias, incluindo justificativas científicas e religiosas para a permanência de sua escravização. No entanto, isso não impediu que corpos negros compusessem famílias de outras formas, inclusive com organizações matrilineares e parentescos não hierárquicos; muito menos que corpos negros produzissem culturas e mundos nos espaços deixados pela história branca, como bem destacou Lélia Gonzalez (2020a; 2020b). As vidas negras no Brasil são de imensa importância para a compreensão e constituição das resistências às constantes investidas da dominação branca, heterocis e cristã.

Composta com o feminismo negro, Grada Kilomba (2019) escreve sobre as permanências e sofisticções dos racismos em episódios do cotidiano de mulheres negras; defende que as formas de opressão não são cumulativas e que pensá-las assim pode gerar uma disputa por qual corpo é o mais oprimido, reforçando a ideia de que os corpos subalternizados só possuem como destino a própria soma das opressões que sofrem e a oposição constante entre si para definir quem sofre mais. Não se trata de uma disputa pelo sofrimento, mas da percepção de que corpos são atravessa-

dos diferencialmente pelas opressões, as quais objetivam a manutenção e reprodução de uma lógica colonial, mesmo em uma democracia que tenta acontecer.

A tentativa de equiparação de opressões sexistas, de gênero, de classe à opressão racista funciona apenas como um apagamento do racismo, favorecendo à supremacia branca. Estas opressões constituem mecanismos, tecnologias e metodologias cada vez mais sofisticadas para alcançar cada corpo. Funcionam por meio da seleção de alguma parte do corpo, de algum comportamento físico, psíquico ou emocional, de alguma característica física ou fisiológica para justificar a superioridade de um corpo em relação ao outro e a posterior localização dos inferiorizados em uma hierarquia desumanizadora. A criação do racismo pelos brancos contou com a articulação entre cristianismo, militarismo e ciência para transformar qualquer característica do corpo não branco em justificativa para sua submissão aos padrões que o classificavam como não humano. Se o racismo foi sofisticado a ponto de produzir o corpo não branco como inferior, e estruturado a ponto de diluir-se nas ações mais cotidianas e ordinárias, parece fácil perceber que as opressões se alimentam dele como um sistema de separação e dominação que obteve bastante sucesso durante séculos. Foi Lélia Gonzalez (2020a) quem disse que este sistema opera de modo a transformar diferenças em desigualdades e parece que temos seguido bem o esquema, ele faz parte do nosso entendimento de corpo, está nas nossas formas de sentir, de pensar, de se emocionar, incorporado naquilo que chamamos de Eu.

O controle das emoções nas sociedades ocidentais modernas tem relação com o próprio avanço e organização de corpos em indivíduos que podiam trabalhar e constituir família. A criação dos espaços de dentro e fora, casa e rua, família e trabalho, induziu alguns movimentos das emoções e seus lugares de ocorrência. No livro *Antropologia das Emoções*, Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010) apontam que a organização das sociedades ocidentais

modernas conduz as emoções no sentido cima-baixo da hierarquia social, de modo que os corpos devem aprender certo autocontrole emocional para não ultrapassarem a barreira que os delimita sob a esfera da interpelação. O entrecruzamento das opressões tem relação com o nível de rebaixamento que um corpo experimenta dentro da hierarquia social que sustenta o regime de poder.

A tomada do direito de uso da força pelo Estado constitui como crime a revolta física de um corpo contra aquilo que o fere emocionalmente. Isso faz com que corpos sejam obrigados a controlarem as suas emoções, as quais, para o Estado, são de grande importância enquanto forem vistas e sentidas como algo individual e único, contribuindo, inclusive, para as normas vigentes de raça e gênero e sexualidade. Para as autoras, a obrigação do autocontrole instaura no corpo uma cisão psicológica, uma oposição entre controle consciente e impulsividade inconsciente (REZENDE; COELHO, 2010). Os corpos mais vulnerabilizados pelas opressões que organizam o tecido social experimentam também uma maior restrição para expressarem as suas emoções, isso pode fazer entender como o BraZyl, ao mesmo tempo, violenta e produz como violentos os corpos negros, feminilizados e empobrecidos.

Para María Elvira Díaz-Benítez (2019), a humilhação está na forma de perceber o mundo, ela cria, mantém e reforça hierarquias. Em nota de rodapé, a autora escreve que a vingança e a violência estão tão introjetadas nas formas de fazer, que agem de modo que a punição faça parte de pequenos eventos cotidianos e até do próprio comportamento: a autopunição funciona como mecanismo de controle, acompanhada e alimentada pela moral cristã que prega o suplício como elevação da alma em relação ao corpo — mais um binarismo para fortalecer as hierarquias. Ela evidencia que a percepção e a classificação da humanidade ocorrem por meio de exercícios de rebaixamento.

A humilhação opera na estratificação social produzindo gênero, sexualidade, raça e seus controles específicos, mais ou menos opressivos e ameaçadores das vidas. Os movimentos da humilhação tendem a valorizar e defender as hierarquias instauradas no fazer social desde a colonização, de modo que há uma superioridade vivida por corpos que são homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros, classe média, cristãos... A superioridade é o motivo pelo qual estes mesmos corpos, por vezes, demoram a perceber como os lugares sociais favorecem a sua vida ao submeterem muitos outros à sua existência. Quais são as sexualidades perseguidas pela família? Quais gêneros constituem as famílias defendidas pelos partidos políticos? Qual é a cor da pele dos corpos que ainda trabalham para as famílias? Quais corpos participam da família e quais não podem aparecer?

O que atualmente se chama de reconhecer seus privilégios não pode ocorrer se o corpo privilegiado não se perceber como um corpo sustentado por relações hierárquicas que precarizam muitos outros, os quais permanecem lutando por direitos que deveriam ser comuns a todos os corpos; vidas que ainda necessitam da permissão para existir, dada como dádiva pelas categorias que organizam a pretensa sociedade da normalidade e da gratidão. Um corpo privilegiado tende a defender seu privilégio e isso inclui o não questionamento das normas que o sustentam. Se a humilhação social tem a capacidade de criar corpos como monstros e aberrações sociais a serem extirpadas da luz do dia, pode-se perguntar: quanto de humilhação suporta um corpo que vive à margem?

Em uma sociedade governada pelos modos militares de fazer, que reproduzem o homem branco, heterocis e cristão como a referência de cidadão, aos corpos marginalizados foi dada a possibilidade de conhecer cedo os efeitos da violência, da violação de direitos básicos e da desumanização. Todo esse horror de organização política das humilhações como emoções que definem a estratificação social não é a única forma de vida no Brasil, é apenas a forma hegemônica

de organização de um território para a morte, a qual permanece na presidência mesmo alcançando extremos de desumanização a cada semana. Governados pela imbecilidade, corpos brasileiros são humilhados a cada discurso presidencial. É preciso mobilizar a raiva, mas o Estado é brasileiro e não desiste nunca! A política miliciana possibilita que a polícia invada casas em favelas e mate crianças negras a caminho da escola, que assassine uma família negra inteira dentro de um carro por um simples engano: a polícia sabe que a raiva mobilizada pode acabar com seu domínio, o governo também, por isso é mais importante mobilizar a morte e fazer a raiva ser engolida com o choro.

Com alegria, morda, mastigue e engula.

Há uma hierarquia alimentada pelo sistema sexo/gênero que organiza a heterossexualidade e a cisgeneridade como imagens a serem reproduzidas pelos corpos, cada corpo. Imagens que preenchem corpos com complexos emocionais que estimulam a normalidade, inserindo-os em uma hierarquia na qual sentem-se superiores, aonde nada pode ameaçar a sua vida; sentem-se intocáveis e destinados à reprodução da vida como ela é: desigual. Nesta hierarquia, o corpo masculino-branco-heterossexual-cisgênero-cristão é distanciado de afetos que possam mudar a sua forma de compreender o mundo, exatamente porque este é organizado de maneira que lhe pareça comum ter direito sobre muitos outros corpos. O que faz um homem heterossexual cisgênero sentir nojo de uma bicha, sentir medo de uma travesti, sentir tesão por ela, querer curar uma mulher lésbica, ridicularizar um amigo bissexual? O que contribui para que este mesmo homem não se envergonhe ao expressar nenhum destes sentimentos e relacioná-los aos corpos que não se parecem com o seu?

Àqueles corpos que conseguem reproduzirem-se como cópias quase fiéis à norma, estão destinadas as possibilidades de manejar determinadas emoções que contribuem com o

funcionamento e fortalecimento da hierarquia mantenedora dos privilégios. A noção de privilégio é desequilibrada pelo fato de que nenhum corpo é contemplado pela heterocisnorma; como cópias, estes corpos só podem ser fiéis à norma, não estarão satisfeitos, são apenas corpos frustrados com melhores acessos a noções de cidadania, humanidade, poder e sexualidade. Com estas noções criadas a partir da referência, as cópias quase fiéis são autorizadas a humilhar outros corpos não heterocis e não brancos, estes que desestabilizam a reprodução da mesmice, que não a seguem, que desistiram dela.

A heterossexualidade e a cisgeneridade são normas antes de serem vividas como uma identidade. Alguém consegue ficar sem rir quando uma pessoa defende a criação do dia do orgulho heterossexual? É uma piada pronta! Uma norma age antes dos corpos, prescreve suas condutas, é uma forma de cercar um corpo com sentidos que contribuirão para a assimilação de uma sexualidade e um gênero. Isso quer dizer que a heterossexualidade está muito além de ser uma norma estabelecida para justificar a união obrigatória e desigual e cisgênera de homens e mulheres brancos a fim de reproduzirem-se e manterem a lógica social do regime de poder funcionando. A heterocisnorma estabelece, por meio de uma reatualização do sistema sexo/gênero criado pela ciência branca da década de 1960, uma forma normalizada e reprodutível de ser um corpo que poderá viver sob seu regime, todos os corpos estão envolvidos e importa que cada um deles reitere, de alguma forma, as normas sexuais hétero e de gênero cis. O termo gênero foi cunhado em 1957 pelo pedopsiquiatra John Money e funcionou como a marcação de um campo de pertencimento dos corpos a apenas duas categorias de comportamentos categorizados pela ciência médica: masculino ou feminino (PRECIADO, 2019). Reforça-se mais um binário e abre-se espaço para as subseqüentes mudanças no corpo, no sexo e no gênero, feitas e autorizadas

pela ciência. Transformações da ciência, transformações do corpo.

A ciência é branca, heterossexual, masculina e cisgênera e contribui para o sistema de produção de corpos sob um regime de poder que os localiza em posições desiguais a depender de sua genitália. A medicina anuncia os corpos como masculinos ou femininos a depender do vestígio sexual encontrado no ultrassom; a instituição familiar organiza as funções de procriação e cuidado como exclusivas e obrigatórias da esfera do feminino, tais funções serão novamente organizadas entres as mulheres a depender dos entrecruzamentos de raça e classe ao sistema sexo/gênero. É por meio da reiteração da heterocisnorma que a ciência ocidental cunha a expressão “transição de gênero” para se referir à afirmação das vidas travestis, transsexuais e transgêneras, uma demonstração de que mesmo que os corpos se afirmem independente da norma sexual e de gênero vigente, acionam-se mecanismos para fazer com que estes mesmos corpos tenham as suas existências submetidas a uma organização prévia que institui os parâmetros de normalidade. Corpos vieram sendo categorizados pelas ciências biológicas e médicas e psicológicas e pedagógicas a partir de um binarismo que cria e reforça a oposição por meio de duas genitálias, duas combinações cromossômicas, duas moléculas hormonais, duas práticas sexuais, duas funções reprodutivas... e o que ultrapassasse a possibilidade binária, precisava ser explicado por meio dela.

As transvestigeneridades, utilizando um conceito de Indianare Siqueira⁵, foram incessantemente explicadas pela

⁵ Indianare Siqueira é uma travesti ativista social, fundadora da Casa Nem, espaço de acolhimento e ações políticas, educativas e culturais para pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero. Transvestigêneres é um termo utilizado por ela e tantas outras ativistas e militantes políticas para marcar a existência de corpos e a produção de vidas possíveis para além da opressão que as pretende organizadas sob alguma categoria universalizante e politicamente anulada. É um termo que provoca uma ação, um pensamento e,

ciência, pela educação, pela psiquiatria e tudo e tal; por algum tempo os debates de gênero foram ilustrados pelo famoso biscoito do gênero, que mais servia como didatização heterociscentrada das sexualidades e dos gêneros que não compunham a norma. Quando é que as instituições se preocuparam em explicar para os corpos os efeitos da reiteração de apenas uma sexualidade e um gênero como norma? Quando é que a heterossexualidade foi explicada? E a cisgeneridade? Não são explicadas por que são normas e precisam continuar existindo como preparação de corpos para viverem aqui, nos moldes forçados desde a colonização e mantidos atualizados com sucesso.

A cultura hegemônica enxameia de sentidos todos os corpos e exige provas constantes da heterossexualidade e da cisgeneridade para a reiteração da norma, tornando menos perceptível a organização das vidas por uma lógica do nascer, dominar, procriar e morrer em nome do Pai. Ainda em 2021, no Brasil, as políticas de gênero são mantidas sob a lei da bíblia pela Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos. Pastores evangélicos brasileiros discursam abertamente pela manutenção da subserviência da mulher ao homem e pelo combate à raça dos homossexuais. O Papa decide que os casamentos entre pessoas do mesmo gênero não devem ser abençoados pela Igreja Católica, como se alguém precisasse da benção de uma doutrina criada para expurgar os prazeres dos corpos e governar as suas sexualidades sob os julgamentos de um Deus único que parece gostar bastante de domínio masculino. E os chás de revelação de gênero não param de tentar forçar a regra da ciência branca sobre a família colonial: no BraZyl só nascem heterocis?!

Corpos heterossexuais e cisgêneros não precisam se explicar ou se apresentar para serem aceitos no jogo político das relações sociais; são corpos já aceitos, reconhecidos pe-

concomitantemente, denuncia o fracasso da norma de gênero cis e de sexualidade hétero.

los seus símbolos heterocis. Suas condutas e formas de fazer são hegemônicas, são produzidas assim e atualizadas a cada corpo que nasce sob a sua lógica; este corpo aprenderá como deve comportar-se, vestir-se, quais cores usar, como deve transar, como deve trabalhar, estudar, escrever, quando pode falar, quando deve escutar, quando cumprirá a meta de constituir famílias... corpos heterocis não precisam criarem-se como vidas, porque a vida, como vem sendo, é uma reprodução heterociscentrada. Para a vida como ela está, corpos hetero-cis-brancos-cristãos podem ser entendidos como os corpos-referência.

A mesma referência que fez os grupos homossexuais brasileiros se organizarem por meio de uma heteroperformatividade, nas décadas de 1970 e 1980; suas defesas de direitos ocorriam sob a guarda da heterocisnorma, ao mesmo tempo em que categorizavam bichas como afetadas e travestis como perigosas, estigmas que são enfrentados ainda hoje. Herbert Daniel e Leila Mícolis (1983) escreveram sobre essa estratégia de separação operada pela maioria dos movimentos homossexuais brasileiros e João Silvério Trevisan (2018) também registrou em sua pesquisa as sofisticadas operações a partir das categorias sexuais estadunidenses de homossexual e gay, as quais pretendiam inserir a pureza identitária advinda do Norte global em detrimento das vidas já existentes em territórios brasileiros. A decisão de João Silvério em manter o pronome masculino para se referir as travestis mesmo após a reedição de seu trabalho, denuncia, muito além de uma escolha editorial de demonstrar a histórica marcação opressiva das mídias sobre os corpos dissidentes da norma, a manutenção de uma separação estigmatizante que acompanha as existências transvestigêneres ainda hoje no Brasil. O masculino continua como referência e é forçado em cada corpo, isso faz com que bichas desejem se parecer com os homossexuais, os quais, por sua vez, desejam se parecer com os homens heterocis. Nos aplicativos de pegação, a paixão pelo macho permanece alimentada por mais uma

separação: você é afeminada? Um esquema que é alimentado por decisões que continuam mantendo as opressões funcionando muito bem, obrigada.

A afirmação de uma vida sapatão ameaça a pretensa fixidez das normas regulatórias da heterocissexualidade e denuncia o fracasso da família como uma instituição normalizadora das sexualidades e dos gêneros: por algum momento a heterocisnorma perde o seu senso de autorreferência e precisa recuperá-lo de alguma forma. O que está ameaçado pela afirmação de um corpo dissidente não é uma identidade ou um grupo familiar, mas um regime de poder que pretende a re-produção ininterrupta de corpos destinados a determinados afetos.

É a ameaça a ser neutralizada pela lógica heterocis que força o movimento de explicação de cada corpo sob a referência que o identifica. Foi nessa lógica que os estudos de gênero no Brasil foram organizados, inicialmente, por meio da explicação das vidas em letrinhas, organizadas em uma sigla: L é isso, G é aquilo, T é estranho, B é uma mistura, I é uma confusão... Uma lógica da estratificação de corpos e vidas pelas suas sexualidades e gêneros fortalece-se como norma a cada vez que uma identidade é explicada, pois quem se explica o faz em relação a alguma referência, a alguma lógica que demanda explicação de uma vida pelo crivo da aceitação. Não é à toa que o movimento de afirmação de uma sexualidade dissidente da norma heterocis seja engolido pela lógica do “se assumir”: assumir o quê? Para quem se assume? Qual o sentido disso?

Antes do nascimento e após a morte, as normas de gênero e sexualidade perseguem um corpo, seus movimentos são mais facilmente percebidos por quem vive apesar delas, os corpos dissidentes desenvolvem outras formas de compreender as dinâmicas de poder que organizam as relações entre corpos em sociedade. A instituição familiar é uma das responsáveis pela reiteração das normas sexuais e de gênero,

as vidas dissidentes da heterocisnorma ainda fornecem seus relatos de sobrevivência à família: travestis expulsas de casa na infância, crianças viadas espancadas pelos parentes, violência sexual constante, sofrimento mental alimentado pelas constantes violências verbais e físicas, sensação de não pertencimento, ameaças de agressão e culpabilização da sexualidade... Mas o negócio não era proteger a família, a moral e os bons costumes? Não se protege nada, nem ninguém, a defesa da família ainda é uma maquiagem para abrandar as violências permitidas em nome do amor de Deus, do Pai, à Pátria.

Em sua tese de doutorado, Leandro Oliveira (2013) analisa as relações entre mães e filhos que se afirmam homossexuais partindo de duas características sociais: a primeira é que a relação é indissolúvel e a segunda é que a proximidade da relação envolve a integralidade da pessoa, o que torna os conflitos maiores e mais ameaçadores da identidade da família em geral e de cada pessoa envolvida. A lógica heterossexual ganha força quando o amor é ativado como a emoção que une as mães aos seus filhos homossexuais, ele sustenta tanto o pavor da mãe frente a notícia da homossexualidade do filho, quanto a sua busca por ressignificá-la; é por amor que a homossexualidade é moldada para caber na família heterocis.

O autor apresenta o Grupo de Pais de Homossexuais (GPH), o qual concentra as suas ações mais na aceitação da homossexualidade do que no avanço de pautas políticas das sexualidades e dos gêneros. Tal movimento pode ser um exemplo de diminuição dos efeitos da homofobia nas famílias e entre os familiares. O problema se encontra na reconfiguração da família e da heterocisnorma, conjunta e continuamente, como as salvadoras das vidas homossexuais em uma sociedade não organizada para os corpos que não sejam heterossexuais nem cisgêneros.

Algumas entrevistas com membros do GPH, bem como a utilização do livro do grupo como referência para as discussões, compõem um arcabouço de sentidos sobre a homossexualidade produzidos pelos pais e mães heterocis que lideram a organização familiar da sexualidade e do gênero. A promiscuidade é justificada pela aproximação do gay aos comportamentos do homem cis hétero, sendo que o gay é o perverso e o homem cis é aquele que age assim por impulso; a agressividade é apresentada como uma característica das pessoas marginalizadas que querem devolver as pedras que lhes foram atiradas, a agressividade deixa de ser uma característica do masculino hegemônico e passa a ser utilizada como estigma das sexualidades dissidentes. A vida conjugal é romantizada pelas mães heterocis, as quais consideram não haver felicidade em uma vida sozinha; as relações afetivo-sexuais também fazem parte das suas preocupações, pois elas representam michês como pessoas perigosas, doentes, problemáticas e envergonhadas de suas sexualidades. Até os locais de sociabilidade homossexual são fantasiados pelas mães heterocis e as características descritas por elas se assemelham muito às do *dark room*⁶, o que deixa de ser uma fantasia e denuncia apenas a paranoia da família heterociscentrada. As famílias heterocis nem imaginam que os corpos dissidentes estão se relacionando, amando, vivendo, trepanando e gozando muito além de suas paranoias. Que prazeres acontecem ao pular a cerca?!

Os familiares heterocis buscam compaixão pelo fato de, continuamente, cercarem a homossexualidade como uma doença a ser limpa da família. O padrão de homossexual aceitável pela heterocisnorma é re-produzido por ela por

⁶ Dark room, como o próprio nome já insinua, é um quarto muito escuro encontrado em casas noturnas e saunas frequentadas majoritariamente por homens homossexuais cisgêneros. É ali que os gays vão em algum momento da festa, no caso da casa noturna, para transarem com outros gays sem conseguirem definir bem quem são as pessoas. É um lugar de convivência gay, conhecido entre as pessoas não heterocis e com inúmeras possibilidades de experiências para o corpo e a sexualidade.

meio da negação de uma infinidade de práticas e movimentos dissidentes que, sob o julgamento da família, são interpretados como irresponsáveis, nojentos, pecaminosos, inferiores, apenas por se aproximarem da feminilidade: as bichas afeminadas foram o solo criado para limpar os pezinhos dos gays norteamericanizados em tamanho família. Tá achando que a heterocisnorma fica só com as heteracis, meu bem? Fica boba não!

Tem margarina na sua boca, limpa aqui, ó!

A emoção está no corpo, é sentida e expressada por ele. A razão está na mente e caracteriza a capacidade humana de dominar o mundo natural, do qual fazem parte o corpo e as emoções. Corpo e emoções foram categorizados como aspectos menos controláveis do humano, contribuindo para a desumanização estimulada pela oposição entre corpo-emoção e mente-razão, na qual a mente controla o corpo e a razão controla as emoções. Esta separação impede que pensamentos sejam interpretados como aspectos corporais, que o corpo possa ser entendido para além de uma estrutura física comandada por ações motoras e sensações codificadas por um sistema nervoso que é central e centralizado no cérebro.

Aproximados do corpo, complexos emocionais funcionam como relações de poder que o hierarquizam e categorizam a depender da necessidade de reposicionamento do sujeito. As representações humanas das emoções são racializadas, generificadas e sexualizadas para limitar as ações de determinados corpos. A noção foucaultiana de controle é utilizada por Claudia Barcellos Rezende e Maria Cláudia Coelho (2010) para pensarem um conjunto de relações de poder que organiza como, onde e quando as emoções são possíveis e para quem elas serão dirigidas, necessitando de um aparato que inclui as expressões faciais, gestos corporais e sensações compartilhadas por determinados agrupamentos sociais.

Michelle Rosaldo (2019) questiona como os conteúdos da cultura modificam a forma do processo mental e movimenta-se para deixar de pensar as emoções como opostas ao pensamento e passar a pensá-las como pensamentos incorporados. A partir de seus estudos junto ao povo Ifaluk, ela defende que as emoções são contextualmente alocadas e possuem relação muito próxima com a cultura de cada povo, sofrendo influências das mudanças nas concepções de corpo, *self*, pessoa, sociedade, cultura... O fato de o fazer cultural estar mais próximo das relações dos corpos consigo e com os outros, aproxima a investigação mais das características relacionais do que das estruturais das dinâmicas de poder. É preciso atentar-se para o perigo da universalização que induz ao pensamento de que todos os corpos experienciam as emoções de forma única, de que cada emoção agiria da mesma forma em todos os corpos, de que os corpos não teriam ação sobre as emoções que lhe são permitidas acessar.

Incorporar as emoções não significa apenas investigá-las no corpo ou entender como elas acontecem no corpo, é também entender como elas são utilizadas e agem na produção e controle do corpo em sociedade; é importante perceber de que modo e quais emoções são articuladas como discursos que produzem formas de perceber-se corpo em determinados agrupamentos sociais. Com quais sexualidades o *presidon't* faz as suas piadas mais violentas? Qual foi o corpo que ele disse que não estupraria porque não merecia? Qual foi o corpo que ele disse que seus filhos bem-educados jamais namorariam?

Para Arlie Russel Hochschild (2013), pensar, perceber e imaginar são ações sujeitas às influências de normas e situações e, por isso, estão conectadas. Ela define emoção como uma cooperação corporal com um pensamento, feita de forma consciente. Difere-a de sentimento, porque o termo emoção traz o sentido de ser tomado por algo, enquanto sentimento tem o sentido de agência sobre o que se sente. Um trabalho emocional diz sobre o esforço necessário a um

corpo para aproximar ao máximo aquilo que sente da forma como deve ser sentido; é o esforço de um corpo para aproximar as esferas micro (eu sinto) e macro (como devo sentir) das relações emocionais.

As emoções diferem-se culturalmente e são orientadas pelas formas com as quais a organização social reconhece a reivindicação do trabalho emocional de alguns corpos, isso reforça o argumento de que a cultura é o material de criação das subjetividades (ROSALDO, 2019). Quais corpos experimentam mais humilhações no ambiente familiar heterocentrado? Quais corpos experimentam maiores restrições aos seus sentimentos? Estamos em 2021 e ainda existem corpos que lutam pelo direito de sentir, pela legitimação de suas formas de sentir, o que seria mais absurdo que isso? A lei não garante a mudança imediata nas normas que definem quem pode sentir, mas os corpos continuam se movendo pela afirmação de suas vidas; corpos diversos, sentimentos e emoções diversos. Mesmo que o Estado só pretenda um modo de ser corpo, de sentir e de se emocionar, garantido pela repressão e punição institucional, é impossível controlar a relação de cada corpo com seus afetos. Corpos dissidentes vieram aprendendo outros modos de utilizar a raiva, de lidar com o medo, de subverter a humilhação, de ressignificar a vergonha, de mover-se pelo fracasso de não corresponder àquilo que ainda é defendido como normalidade, cada vez mais capenga, felizmente.

Componho-me com Rosaldo (2019) e Hochschild (2013) para pensar, então, na existência de composições de emoções específicas que devem ser direcionadas a agrupamentos de corpos que dissidem da norma. E que estes mesmos corpos podem, assim como todos os outros, interferirem nas dinâmicas emocionais mantenedoras de hierarquias presentes nas relações entre os corpos. Há possibilidades de resistências nas relações entre os corpos, há resistências quando os corpos se movimentam pela criação de outras

formas de sentir, de pensar, de compreender e de agir no mundo. Estas outras formas acontecem em diversos lugares, em todos os corpos, a qualquer momento, a pergunta é: o que as sufoca? Tenho suspeitado que a reprodução da lógica branca e heterocissexual e cristã é um grande sufoco.

O trabalho emocional é mais facilmente percebido pelo corpo quando se trata de emoções inadequadas, quando aquilo que se sente não parece se adequar ao contexto, não faz parte da cognição que treina corpos submetidos a normas de vida colonial, que foi moderna e ainda é forçada como contemporânea. Daí pode-se inferir o cansaço vivenciado por corpos que não fazem parte da normalidade imposta por um regime de poder branco e heterocissexual e cristão, pois há a necessidade de um trabalho emocional intenso e constante para se adequar, para ser compreendido e para explicar sua vida para um regime que não compreende seu corpo como possível. Sob a heterocisnorma, os sentimentos dos corpos dissidentes ainda são significados como pecados, promíscuos, nojentos, abomináveis, doentes. Sob a branquitude, corpos negros e indígenas raramente são ouvidos e suas emoções são desconsideradas, assim como seus saberes que, alocados nos discursos de primitivismo, são sufocados e descritos como populares, senso comum, não acadêmicos; suas cosmologias são negadas por ameaçarem a história pretensamente única para a qual o homem-branco-heterocis-cristão é o exemplo de modernidade, pensamento e corpo. Sob o cristianismo, as emoções são orientadas a serem suprimidas, pois o sofrimento é necessário à elevação espiritual, esta grande balela que ainda faz de cristãos adoradores de um instrumento de tortura, coreografado sobre o corpo de cada um do início ao fim de uma missa.

Ainda bem que nem todos os corpos percebem assim, as formas de sentir diferem: raiva, amor, tesão, tristeza, insegurança, alegria... Sentimentos adquirem outras dimensões e significados quando o contexto é o da abjeção de corpos por sua raça, seu gênero e sua sexualidade. As

movimentações de cada corpo em relação às emoções compreendidas na relação social podem ser tanto de obediência quanto de audaciosa quebra das regras. Corpos conseguem agir de outras maneiras para desarticular os complexos emocionais que organizam apenas tristezas para serem sentidas, fazem isso porque o que produz vida é a alegria, e a alegria é um exercício a ser mantido de propósito. Afirmar uma vida independente da norma que a quer sufocada, é um exercício de produção de alegrias; suspeitar das estruturas racistas, heterocisnormativas e cristãs que sustentam o próprio corpo em um sistema que se vale de superioridades, também. Alegrias de propósito são movimentos de desarticulação de tristezas dos corpos, deste, daquele, de tantos quanto forem possíveis; são subversões que escapam ao arcabouço de tristezas que organizam corpos desde a colonização. Elas estão na insistência em falar mesmo em frente ao silenciamento imposto, nas denúncias das opressões sutis e escancaradas, na produção de prazeres que subvertem a lógica da vergonha e da culpa cristãs, na percepção do corpo como um território que precisa desaprender aquilo que foi feito dele: um projeto de indivíduo que passará a vida desejando ser o que não é.

Composta com a relação entre margem e centro desenvolvida por bell hooks, Grada Kilomba (2019) demonstra a necessidade de se pensar na margem como espaço de resistência e possibilidade, justamente porque nela encontram-se os seres que fazem parte do todo, mas não ocupam os centros; os mesmos seres que desenvolveram uma maneira de olhar concomitantemente para o centro e para a margem a fim de elaborarem seus movimentos de sobrevivência. Aproximam-se aqui Grada Kilomba (2019) e Glória Anzaldúa (1987), por encontrarem na margem e na fronteira a percepção de locais nos quais habitam a ruína e a opressão, mas também as lutas e as possibilidades e capacidades de resistir conjuntamente, desenvolvidas pelos corpos que vivem em sistemas opressivos para escaparem de seus efeitos. Tal capacidade é entendida como uma forma de contestar as do-

minações persistentes em sistemas coloniais, a fim de criar outras maneiras de ver o mundo, de questioná-lo, de enxergá-lo e de apresentá-lo.

A criação de outros mundos depende de outras formas de pensar, ser, agir, sentir, escrever, falar, transar, constituir famílias... outros mundos só são possíveis quando criados por outros corpos. Quem autoriza a existência do corpo marginal é o próprio corpo marginal. Um corpo não se autoriza apenas em oposição àquilo que o oprime e, de certa forma, a forja; este movimento pode terminar na derrota da margem. Para conseguir escapar dessa opressão que pretende uma forma específica de resistência, os corpos marginais criam-se para além da forja, pois é nesse além que estão as possibilidades de conexão e criação de outros mundos, ainda não concebíveis pela norma, ainda não pensados pelos corpos-referência, ainda im-possíveis, mas existentes mesmo antes dessa colônia toda.

Utilizar as fronteiras como possibilidades de criação de outros mundos pode ser um exercício a ser realizado em cada corpo, uma pista a ser seguida para a conexão de territórios há muito separados pelas hierarquias que os organizaram. Pode ser um exercício a ser feito em agrupamentos de pessoas, em uma família. Descolonizar a família? Por que não? Quais os efeitos de desarticular o sistema patriarcal da organização familiar? Quais os sentidos criados por uma família sem a imagem punitiva do Pai? O que acontece quando pais se desarticulam da superioridade? Se a família não funcionar como uma hierarquia que humilha em nome do amor, quantos corpos poderão aparecer nela? É possível que famílias deixem de operar como uma empresa para qual a meta é a manutenção branca e cristã da heterocisnorma?

As estruturas das famílias brasileiras já apresentam mudanças significativas para se pensarem e serem entendidas de outras formas, ao mesmo tempo, a família tradicional é reiteradamente anunciada como um modelo de cidadania.

Mas o estímulo a uma forma de família não precisa encontrar correspondência nas relações entre os corpos que decidiram constituir uma família, não é mesmo? Quem se lembra das propagandas de margarina? Da Dorian, da Qualy? Aquelas nas quais as famílias ainda se entopem de margarina no café da manhã com seus sorrisos congelados, todos brancos e sorridentes, o pai sentado, a mãe servindo, os filhos comendo o pão besuntado com uma gordura hidrogenada produzida industrialmente... até quando o assunto é a tradição posta à mesa, o alimento é o próprio veneno. A heterocisnorma pode até ser passada no pão, mas seu consumo contínuo e prolongado pode causar efeitos devastadores para os corpos. Para os corpos que sentem a enganação que vende como alimento uma unidade civilizatória, é preciso celebrar a não presença nas propagandas, é preciso criar outros cafés da manhã, nos quais a relação entre os corpos não seja organizada pela servidão ao corpo-referência.

A família pode ser o primeiro local de uma convivência não hierárquica, uma forma de aprender a conviver com todos os corpos, de aprender que seu corpo se constitui em relação com muitos outros, desde cedo, que não é superior, mas igualmente possível. Também pode ser um lugar de segurança para a vivência da própria sexualidade e do próprio gênero: parece-me bem simples criar um ambiente seguro no qual um corpo não esteja submetido ao meu desejo de como ele deve viver. Talvez nem seja tão difícil desarticular uma família da heterocisnorma, para isso foi necessário explicar como a heterocisnorma foi articulada à família na colônia, ao racismo. Quem sabe, enquanto pipocam as defesas da família aqui e acolá, permaneça o barulho: defender do quê? Qual família, Cara Pálida?

Referências

ANZALDÚA, Gloria Evangelina. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

- DANIEL, Herbert; MÍCCOLIS, Leila. *Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.
- DIAZ-BENITEZ, María Elvira. O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, 2019, v. 25, n. 54, p. 51-78.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOCHSCHILD, Arlie Russel. Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: COELHO, Maria Cláudia (Org.). *Estudos Sobre Interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação — Episódios do racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (Org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Traduzido do espanhol por Catalina G. Zambrano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a. p. 139-150.
- GONZALEZ, Lélia. Nanny: pilar da amefricanidade. In: LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (Org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Transcrição original cedida por Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b. p. 151-157.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Trad. Plínio Dentzien. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- OLIVEIRA, Leandro. Fantasias de Mães, Fantasias de Filhos: identidade, conflito e mudança. In: *Os Sentidos da Aceitação: Família e Orientação Sexual no Brasil Contemporâneo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS/ Museu Nacional, 2013.
- PRECIADO, Paul B. *Texto Junkie — Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- REZENDE, Claudia B. & COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. *RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, p. 31-49, dezembro de 2019.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

[Recebido: 15 set. 2021 — Aceito: 21 out. 2021]